

Do NBP ao Funk Staden: Arte brasileira na **documenta 12**

*A modernidade é a nossa antigüidade? O que é arte nua? O que fazer [para educar um público]? As respostas a essas três perguntas permeiam a seleção de obras que compõem a 12ª edição da *documenta*, uma das principais exposições de arte contemporânea do mundo e que ocorre de 16 de junho a 23 de setembro em Kassel, na Alemanha.*



Sem Título, 2007, © Iole de Freitas

TEXTO: ALEXANDRE SCHOSSLER

Não é coincidência que esses três leitmotives sejam formulados como perguntas”, explica o diretor da mostra, Roger M. Burgel, em texto publicado no site oficial do evento. “Afinal, fazemos a exposição para descobrir algo.” Em relação à primeira questão, Burgel argumenta que “a imaginação de muitas pessoas é profundamente impregnada de formas e visões modernas e isso significa não apenas Bauhaus, mas também conceitos da modernidade como 'identidade' e 'cultura”.

“A segunda pergunta sublinha a absoluta vulnerabilidade e o completo abandono da vida humana. Ela se volta para uma parte da nossa existência que nenhuma medida de segurança, seja ela de que natureza for, jamais irá proteger”, prossegue. Já educar um público significa “não apenas iniciar processos de aprendizagem, mas também providenciar de fato [a criação de] uma esfera pública. Hoje, a educação estética surge como a única alternativa viável à didática e ao academicismo, de um lado, e ao fetichismo mercantil, do outro”.

Em busca de respostas a essas perguntas estão instalações, obras e projetos de artistas de todo o mundo, inclusive do Brasil. A lista preliminar de brasileiros já incluía os nomes de Ricardo Basbaum, de Iole de Freitas e da dupla Maurício Dias e Walter Riedweg, ou MauWal. No dia 13, foram confirmadas ainda as exposições de obras de Luiz Sacilotto e da já falecida Mira Schendel.

Basbaum traz à *documenta* o projeto “Você gostaria de participar de uma experiência artística?”, desenvolvido desde 1994. Uma espécie de work-in-progress coletivo que certamente se encaixa no leitmotiv exposto na terceira pergunta, o projeto se baseia num objeto chamado NBP (Novas Bases para a Personalidade), uma peça de aço pintada de branco e que mede 80cm x 125cm x 18cm. O indivíduo, grupo ou coletivo interessado em participar da experiência artística deve levar para casa o objeto e “fazer com ele o que quiser”, como explica o artista no guia de instruções aos participantes.

Os resultados dessa experiência são expostos no site do projeto (já são mais de 80) e formam uma série de diálogos entre o artista proponente e quem aceitou o desafio de participar do projeto, num ciclo marcado pela relação com o outro. É também a alteridade o ponto central do trabalho da dupla MauWal, que, entre outras instalações, traz a Kassel o trabalho Funk Staden. Como o nome sugere, o projeto mistura o ritmo funk das favelas cariocas com a história de Hans Staden, o aventureiro alemão nascido nas redondezas de Kassel e que, capturado por uma tribo de índios antropófagos no litoral brasileiro em

1554, sobreviveu para contar a sua história.

“A questão da vida nua está lá, porque a mesma violência que existia no ato canibal da antropofagia dos índios existiu no processo de colonização e existe na maneira como os funkeiros são marginalizados socialmente e culturalmente. O grito de dor, o grito guerreiro do índio, não deixa de ser o grito do funkeiro que maldiz a sociedade, a polícia e as relações sociais”, avaliou a dupla em entrevista à *Deutsche Welle* (*leia mais no site www.dw-world.de/brasil*).

Já a obra de Iole de Freitas interfere na fachada do próprio Museu Fridericianum, principal ponto de exposição da *documenta*. Fazendo uso de policarbonato, ela criou esculturas que, presas à fachada do prédio e ao seu interior, desafiam a gravidade ao mesmo tempo em que revelam equilíbrio e leveza. Segundo a artista, trata-se de uma instalação que se coloca entre o espaço interno e o externo e inicia uma discussão entre o público e o privado. Como as demais obras de todo o mundo exibidas em Kassel, os trabalhos de Iole e dos outros brasileiros podem ser admirados durante os cem dias de exposição da *documenta 12*. ■

Estagiários do grupo ThyssenKrupp na produção do NBP, © Ricardo Basbaum



Foto: Nils Klüger / documenta GmbH